

## Module 4 Video Class 1: The Uncertain Future (Portuguese)

Olá! Bem-vindos de volta ao nosso curso online, aberto e massivo, "Jornalismo na Pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro".

Surpreendentemente, este é o nosso último módulo! Quando você terminar os materiais e atividades desta semana, você terá concluído o curso. Se você ficou para trás, não entre em pânico! Os materiais do curso permanecerão abertos por algumas semanas após 31 de maio. E se você tem amigos ou colegas que só ficaram sabendo sobre este curso agora, saiba que, a partir de junho, ele será transformado em um curso auto-dirigido, sem conteúdo novo, mas disponível em novos idiomas. Então, por favor, fique de olho e encoraje mais pessoas a virem nos encontrar.

Como estamos no último módulo, esta é minha última mensagem de vídeo que você vai receber. Gostaria de dizer que foi um privilégio conduzir este curso ao lado dos outros instrutores, Federico Kukso, Amanda Rossi e Yves Sciama. Vocês são um grupo maravilhoso, inteligente, que compartilha, atencioso e corajoso. E foi uma honra ser sua instrutora! Espero que nós possamos encontrar maneiras de manter contato. E espero continuar vendo o trabalho de vocês.

OK, vamos falar sobre este último tópico, que é: O mundo a partir de agora. Ao longo das últimas semanas, exploramos como essa pandemia chegou a acontecer, como tem sido a realidade da pandemia em todo o mundo, e quais são as esperanças de obtermos vacinas e tratamentos. Agora vamos olhar para o que vem a seguir.

Para explorar esse tema, nossa última série de vídeos inclui algumas pessoas muito especiais. Vamos ouvir o Dr. Tom Frieden, presidente e CEO da Resolve to Save Lives e ex-diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA na administração do presidente Barack Obama. Antes disso, Dr. Frieden foi comissário de saúde da cidade de Nova York e funcionário do programa de tuberculose da Organização Mundial de Saúde (OMS), na Índia. Vamos falar com Luis Felipe Lopez Calva, diretor regional do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e secretário-geral adjunto das Nações Unidas. E vamos tentar mapear o futuro com Annalee Newitz, que é uma jornalista que escreve sobre o colapso de sociedades passadas, e uma escritora de ficção científica que imagina as próximas sociedades do futuro. E finalmente, vamos conversar com Bruce Shapiro, diretor executivo do DART Center para Jornalismo e Trauma, da Universidade de Columbia, sobre o que vocês devem fazer, a curto prazo e de olho no nos dias que virão, para se manterem saudáveis e seguros.

Então, "o mundo a partir de agora". O que isso significa? Devemos admitir que isso não significa apenas os próximos dois anos, antes que uma vacina seja - possivelmente - inventada e distribuída. "A partir de agora" significa, se formos honestos, o resto de nossas vidas. A chegada do novo coronavírus mudou o mundo como o conhecemos. Podemos esperar reparar os danos imediatos que a pandemia causou às famílias, às economias e às sociedades. Mas não devemos esperar que nenhuma dessas esferas volte a ser o que era antes. Podemos muito bem conseguir melhorar todas essas áreas, mas provavelmente devemos tomar como base das nossas matérias que tudo será diferente.

Enquanto gravo este vídeo, o mundo passou de 5 milhões de casos do vírus. E a OMS registrou a maior contagem de novos casos em um único dia. Há muito poucos lugares que podem dizer que já passaram do pico - e alguns desses lugares estão vendo um retorno de casos.

No entanto, já estamos nesta pandemia há tempo suficiente, cinco meses fechados, para termos conquistado um pouco de familiaridade com o vírus e ganhado um pouco de ritmo para nossas reportagens. Estamos na mesma situação que o primeiro-ministro britânico Winston Churchill disse que os exércitos aliados estavam na Segunda Guerra Mundial, depois de sua primeira vitória sólida: "este não é o fim. Nem sequer é o começo do fim. Mas é, talvez, o fim do começo".

Então, onde estão nossas oportunidades de reportagem nesse estágio, "o fim do começo"? Vamos falar sobre o futuro próximo, e depois sobre o que virá depois.

Então, como será o seu futuro: cada análise substancial diz que as tarefas imediatas são testar, rastrear e isolar. Ou seja: Descobrir se as pessoas estão doentes, ou se apresentam evidência de terem desenvolvido anticorpos; rastrear quem teve contato com as pessoas doentes; e persuadi-las a ficarem isoladas em segurança, em casa ou em uma unidade de recuperação, até que não ofereçam mais perigo para os outros.

A unidade de recuperação é especialmente importante, porque grande parte da transmissão da COVID parece ocorrer em locais com muita gente, em residências ou espaços compartilhados por várias gerações de uma família.

Tenho certeza que você já enxerga oportunidades de reportagem: O seu país ou a sua região tem testes suficientes? De onde vêm os testes? Qual é a taxa de confiabilidade publicada desses testes? Existe alguma chance de serem falsificados? Como sua região vai lidar com o rastreamento de contatos?

Aqui, há uma nuance importante para aqueles de vocês que vivem em economias em desenvolvimento: países onde já há tuberculose já sabem fazer o rastreamento de contatos, porque o rastreamento de contatos é uma parte essencial da detecção dessa doença. Os Estados Unidos e a Europa Ocidental, na sua maioria, perderam essa habilidade, mas a maioria dos países do sul global ainda fazem isso.

Testar e rastrear é o mínimo necessário para reabrir as economias, algo que o mundo precisa fazer, antes que entremos em uma recessão econômica global. Mas essas medidas são, na melhor das hipóteses, meios de controle, de redução do risco - não fazem o risco desaparecer.

Agora, há partes da nossa sociedade que aprenderam, nas últimas décadas, o que significa viver, e até mesmo florescer, em uma atmosfera de risco incerto. Principalmente, pessoas que vivem com HIV-AIDS (HIV-SIDA), ou correm o risco de adquirir o vírus. Aprendemos cedo nesta pandemia que a única maneira de garantir que o HIV-AIDS não seria mais transmitido era concordar em nunca mais fazer sexo, nunca mais ter filhos, nunca mais usar uma droga ilegal novamente. E as pessoas, é claro, não estavam dispostas a abrir mão disso. Mas as pessoas e as sociedades estavam dispostas a desenvolver políticas de redução de danos e mobilização social: usar preservativos 100% das vezes, prevenir a transmissão de mãe para filho, garantir que as pessoas que usam drogas ilegais possam fazê-lo com segurança.

Também aprendemos a viver ao lado da ameaça da dengue, da Zika, da malária, a proteger-nos continuamente enquanto continuamos a viver as nossas vidas. Isso é o que a vida na era do coronavírus pode vir a ser: um exercício prolongado de redução de danos.

Isso nos leva ao futuro de meio-termo. Suponha que cidades e empresas reabriram. Como podem funcionar com segurança? Se você mora em uma grande cidade, como Nova York ou Paris, quanto das ruas dessa cidade deixará de ser destinado para carros e passará a ser usado como espaço público, para que as pessoas possam estar socialmente distantes? Se você mora em uma área com uma grande economia turística, como a costa do Mediterrâneo, Veneza ou a costa mexicana, como será o processo para que os governos permitam que os turistas retornem e façam com que sigam as novas regras? Se você mora em um lugar onde há muitas pequenas empresas individuais, ou onde as pessoas sobrevivem do trabalho informal, o que acontece muito na América Latina e na África Subsaariana. Como as pessoas vão trabalhar sem quebrar o distanciamento social? Como vão participar de algum tipo de rede de segurança econômica, se eram sobretudo trabalhadores informais?

Quando novas formas de conviver se tornarem mais familiares - sejam elas o distanciamento social permanente, testes regulares, mudanças na organização de lojas e escritórios, ou novas maneiras de cumprimentar uns ao outro que não envolva um aperto de mão - então temos que olhar para o futuro distante. E, nesse ponto, nossa capacidade jornalística de reunir vertentes de previsão e tendência será muito valiosa.

Porque as oportunidades de reportagem sobre o futuro distante são as grandes ideias. Vamos abrir mão de quanto das nossas privacidades, para sabermos para onde vai a doença? Quem terá permissão para possuir tantos dados sobre nós? Será que as forças trabalhistas vão se

mobilizar, como fizeram após conflitos ao longo dos séculos XIX e XX, e provavelmente antes, e vão renegociar as regras de trabalho com empresários e corporações? Vamos permitir que os nossos governos recuem para o nacionalismo, na tentativa de nos manter seguros? Ou vamos recriar o sentimento de solidariedade internacional e compromisso mútuo que fez surgir as Nações Unidas e a Organização Mundial de Saúde (OMS), após o fim da Segunda Guerra Mundial?

Há mais duas coisas que precisamos nos perguntar. A primeira é como será nosso luto em relação ao que perdemos? Em qualquer lugar do mundo, você vai encontrar memoriais para vítimas de batalhas militares. É muito mais difícil encontrar memoriais para vítimas de doenças. A gripe de 1918, de que falamos em nosso primeiro módulo, a pior pandemia registrada na história, praticamente não foi memorizada em nenhuma arte pública: sem praças, sem estátuas, sem sinfonias. Em inglês, foi retratada em apenas dois pequenos romances.

O memorial mais dramático já feito para uma doença é, provavelmente, a colcha da AIDS (SIDA), com 120 mil metros quadrados de tecido. É o maior ato de arte coletiva do mundo. Qual será a nossa colcha para as perdas da COVID-19, as vítimas e as sociedades como as conhecíamos? Que atos de memória e determinação vamos empreender, para que este momento não seja esquecido?

A última pauta que precisamos buscar é esta: O que nossas sociedades farão se isso acontecer de novo? Como repórter especializada em doenças, já estou ouvindo cientistas falarem sobre a próxima grande pandemia. Aquela que vai ser realmente grande.

No nosso primeiro módulo, abordamos como falhamos em aprender com as pandemias passadas. Neste módulo, vamos nos perguntar: Que planos estão sendo colocados em prática, para detectar a próxima pandemia com antecedência? Quais agências estão recebendo financiamento? Que tipo de ciência precisa ser uma prioridade? Que pontos fracos percebemos em nossas cidades e sociedades, que nos tornaram vulneráveis? O que podemos fazer como jornalistas para manter esses temas diante dos olhos das pessoas, para que as lições trazidas pela COVID-19 sejam colocadas em prática e não sejam perdidas?

Então é isso. O fim do início, o futuro imediato e o futuro distante. E ao que precisamos ficar atentos, enquanto vivemos este momento histórico juntos. Desejo a todos muito sucesso na continuidade da busca por esta que será a história de nossas vidas. Eu sei que vocês vão fazer um grande trabalho!

Mantenham-se seguros!